

REVISTA

LITTERARIA E RECREATIVA

1

Publica-se, indeterminadamente, na praça da Constituição n. 64.

INTRODUÇÃO.

REVISTA LITTERARIA E RECREATIVA.

Esta nova publicação periodica, que apparece, não precisa de outro preambulo, que o simples seu título: ella é tão sómente feita para quem quiser ler e entreter-se com ella por alguns momentos, ocupando a sua attenção com matérias litterarias e divertidas, e principalmente com o quadro, analyse e censura das nezedades, tolices e fofocuras dos litteratos e poetas de meia tigelia, cheios de orgulho e de basofia desmedida, e sobre tudo dos criticos indiscretos, que censuram nos ouvidos defeitos menores, ou iguaes aos seus próprios.

Leia estas paginas quem quizer e quem tiver senso. Elas não são escriptas senão para esta qualidade de leitores. Não fazemos promessas, nem damos prospectos do trabalho, que nem sempre emprehender, para não nos expôrmos em tempo algum a faltar a elles, ainda que seja por força maior, independente de nossa vontade. Daremos o que devemos, e o publico dos nossos leitores julgará disso e de nós mesmos. Não queremos imposições em quem quer que seja, e ainda menos em nós mesmos: portanto começaremos por não estrearmos com elles.

Os Redactores.

IDEAS E PRINCIPIOS INFERNAIS POR FAMILIARISACAO COM DEMONIOS.

Ma certos litteratos e poetas, que não vêem nos individuos da sociedade humana senão *Anjos ou Demônios*; Anjos em todos os que são jovens e bellos, principalmente sendo do sexo feminino; Demônios em todos os que são velhos e feios; e ao passo que se desfazem em cortelos, elogios e transportes apaixonados para com aquelles, tratam a tales com desprezo e com insultos, esquecendo-se de que um dia elles tambem, se forem vivendo, pertencerão a essa classe, que elles agora desprezam e injuriaram.

A alguns, a idéa do *Demônio* anda tão frequente e continuadamente na cabeça, que à final acabam por familiarizar-se com elle, e depois o *Demônio* se lhes torna familiar, que fica sendo o seu fiel *Achilles*, e um companheiro indivisivel, que com elles vive e os segue

por toda a parte, quer entrem no lupanar, quer no theatro, quer na igreja, tornando-se elles assim numa espécie de *endemoninhados* e possessos, que também precisão tratar com exorcismos, sem serem os que se fazem com escola e agua-benta; sendo tais exorcismos o unico meio sine quo non para livres-sos da obsessão diabolica, que os torna loucos, tagarellas e linguarudos, querendo falar de tudo, e de tudo decidir, e criticar sem o necessário entendimento. Estes exorcismos devem ser feitos com grandes hysopadas de agua muito salgada e amargosa, e com varetas de marmello de outra qualidade, que assaltam crescem nos pomares, ou com tiras de bom couro bem trançado ou torcido e reduzido a forma de chicote, ou galho e azurrague, com que se dê nestes sujeitos, e de rijo sem piedade alguma (que para elles seja balde) prejudicial aos seus mesmos interesses, seguindo-se isto para com elles o antigo costume de tratar e curar doentes, e isto até elles se callarem e ficarem quietos, sem mais incomodação a gente, que, como elles, estarão familiarizada com o demônio, nem por elle possuem. Mas o couro, que deve servir para estes instrumentos correctivos, não é o que anda nas mãos dos sapateiros e correiros, que, por mais fino e bem curtido, que seja, sempre é couxa que provém de brutos. Esse couro, é aquele de que sómente o talento, o criterio e a sábedoria podem produzirem, e que elles sahem manufacturar de mil modos, para, com elle bem curtido, surrir aos que merecem, assim tratados e que não podem ser corrigidos e curados por outros modos. Deste couro, e dus instrumentos correctivos com elle formados, já houve na antiguidade muitas grandes fabricas sob a firma de Aristófanes, Luciano, Horacio, Persio, Marcial e Juvenal, nos tempos mais modernos, outras sob a firma de Ariosto, Boileau, Ménage, Salvator Rosa, Alberi e Parini, e em nossos dias sob a de varios poetas e jornalistas, cujos nomes não recordamos por serem mal conhecidos, e por ainda viverem as pessoas a quem pertencem. Deste genero industrial, felizmente não é comercial, nem sujeito a monopólio de matadouros, nunca ha, nem pode haver falso, que quem saiba procurar-o, e bem empregá-lo a propósito e o emprego disto produz ás vezes mui promissorios, e ás vezes mais tarde, porém á final sempre, efeitos mui salutares e profícues: assim como nenhum produto pode revertê em prejuizo de quem o emprega quando o seu criterio e a sagacidade não presidem ao uso dele. Os sujeitos tão mal azados para isto, que, pegando um destes instrumentos correctivos, e querendo fazer jogar contra alguém, em vez de dixerem em ouviram, em si mesmos, flagellando desastradamente com elle.

susas proprias mãos, e a sua mesma cara, e fazendo assim rir com isso aos espectadores presentes. Um grande numero de criticos tem esta mania de querer chicotear aos outros, e tem juntamente este grande defeito de serem desazados; e á final tem pertanto a triste sorte de divertirem á sua custa o publico, que delles ri-se como dos bobos de comedia.

Mas tornando ao nosso primitivo assumpto, de que um pouco nos haveremos desviado, os sujeitos, que estão familiarizados com o *Demonio*, ou com a idéa delle, que sempre lhes fica encasquetada ou encafuada na cabeça, nada fazem ou pensam, que alguma cousa não tenha em si de *demoniaco* ou *diabolico* e *infernal*. Elles vos porão isso até nas cousas mais respeitaveis e sagradas; e vós os vereis applical-o até aos *anjos* e aos *santos*, fazendo destes uns *patuscos* e uns *folgazões*; e de um sentimento religioso, far-vos-hão um joguete de força, renovando em nossos dias as caçoadas e escandalos do tempo do Boccaccio e do Sacchetti e de outros novelleiros da bella época da lingua italiana, mas ao mesmo tempo do seu pessimissimo estylo, todo guindado e maneirado só a affectação mais ridicula. Vós vereis a cada passo o seu *Demonio familiar* não ter outro pensamento, outro fato e ultimo intento essencial, senão o de ridicularizar tudo o que é santo e religioso e fazer da religião e de suas festas populares, um assumpto de escarnio, caçoada e brincadeira, e escolher a occasião dellas para historias e farças de namoricos encapotados com o sentimento da religião, encobrindo com o manto desta os appetites libidinosos, e as suggestões naturaes da carne, que procura a capa da religião para acobertar as suas vontades, como se a satisfação legitima dellas se não podesse chegar senão por um caminho torto e por meios em que o sentimento religioso não ficasse sacrificado e mettido à ridiculo, servindo de andaime ao sentimento carnal, que em sum é nessas forças o que vence e apparece triunphante, fazendo ver que o outro era uma puerilidade, e uma dessas bonecas, que as meninas largam e abandonam quando chegam a puberdade. Eis o espirito, eis os manejos, e os intentos do *Demonio familiar*, dos sujeitos, que com elle se foram adomesticando, e com o qual travaram uma amizade inseparável.

Mas não crêde que esse *Demonio familiar* alli páre, e que se satisfaga com alluir e destruir o principio religioso. Depois de ter escarnecido da religião, elle a mais se abalangará; e accommeterá sem respeito a outras cousas, que, sem serem religiosas, não deixam de ser santas e respeitaveis para os homens, e para as sociedades. A mesma liberdade, por uma idéa verdadeiramente *infernal* e *diabolica*, será por elle convertida em *castigo*, e o maior e mais precioso dos bens mundanos dados ao homem pelo creador converter-se-ha em azurrague e flagello, na mão desse espirito infernal, que feito *Demonio familiar* dos Proudhons, e de todos os varios socialistas, conspirará para destruir a familia e os principios moraes e sociaes sobre os quais é fundada. Isso será lá na França donde o espirito exquisito e volvel da nação se prestará facilmente a ouvir e quererá reduzir a practica as suas suggestões diabolicas. Por cá, donde não ha tanta exquisitice, nem tanta volubilidade, as cousas marcharão de outro modo um pouco mais lento e menos directo. Aqui se não nos dirá a propriedade é um roubo, mas chegar-se-ha a dizer e querer mostrar indirectamente com exemplos, que a liberdade não é cousa divina, e que ella é e pôde ser uma maldição e uma praga: aqui dir-se-ha desfarradamente: a liberdade é um castigo, e dito isto e persuadido com a lição dos factos e dos

exemplos, donde irá parar a sociedade fundada sobre o principio della? *Horesco referens, cogitatione tantum intemisico!*

Paremos aqui por ora, porque tal é o abalo, que sentimos, que não nos é possivel continuar. Voltaremos no asumpto, em outra occasião em que estejamos menos abalados, e em que possamos com mais tranquillidade, e mais de espaço profligar a *torta e infernal philosophia*, que tem invadido a nossa época, e que vai desnorteando as cabeças e os espíritos da nossa talentosa mocidade destinada a melhor sorte e della digna a muitos respeitos.

ATTENÇÃO, ATTENÇÃO, A NOITE DE S. JOÃO!..

SCENA IV.

CARLOS E IGNEZ.

CAR. Ah! meu tio!

IGN. Meu pai!

CAR. Pretendo partir.

IGN. Quero te pedir...

Por Deos, escutai.

O Autor desta producção comica de fazer rir a *todo mundo*, desculpou-se dos erros de concordancia, dizendo, que, nos casos em que os houve, ha uma letra de mais posta por engano de quem escreveu, ou de quem fez a composição typographica (1).

Diga-nos agora como pôde servir esta sua desculpa no 4.^o dos versos ácima citados, no qual, devendo esse rimar com a terminação em *ai* do primeiro, tirando-se o *i* que ha de mais, para que haja concordancia de pessoa com o *te-do-3.^o*, viria a faltar a rima? Então ficaria no sum do verso a palavra *escuta*, que só poderia rimar com *truta*, *cicuta*, *enxuta* e outras palavras acabadas em *uta*. Se Sua Fecundidade poetica nos resolver este duvida, havel-a-hemos por desculpada: alias repeliremos o rifão portuguez — *Ninguem as calça que... etc.*: e ao mesmo tempo lhe faremos lembrar, que mais vale ás vezes confessar ingenua e francamente um pequeno erro, que o ateimar em querer encobrir o sol com uma rede; e que o melhor seria fazer como aquelle pintor da antiga Grecia, que ouvindo uma censura feita a um sapato, em um quadro por elle pintado, não se importou que ella viessa de um sapateiro, e emendou o quadro no sentido da critica de quem, nessa materia, mais entendido era do que elle. Reveja e retoque Sua Fecundidade poetica a sua obra, e expurge-a destos e de outras mendas e de algumas puerilidades *sem graca e sem sal*, nem mesmo daquelle com que elle, só salpicar as suas fritadas, porque é isso muito preciso para maior credito do escriptor e da sua obra; que anda arriscada a ficar de muito peior condição que a do autor da *Confederação dos Tanoyos*, á qual S. Sabedoria Poetica pôz pela rua das amarguras, e por pouco não deixou enterrada nos vestos de lixo, que carregou da praia para semel-a aos olhos do mundo litterato, o que felizmente não conseguiu.

Veja também, quando estiver com a mão na massa, se melhora um pouco a versificação dessa peça destinada

(1) Note-se que foi impressa na *fralda* do Diario, e desse folhetim tirada, depois de uma nova edição, que se vende a 500 rs., na Rua do Rosario.

para o canto, e posta em leilão na praça musical para quem mais depressa pegar nela a fm de *musical-a*. E' tambem isso muito preciso para que o Maestro compositor não fique o cada instante posto á tortura e na tentação do amaldiçoar o autor e rogar-lhe pragas, vendendo-se ora obrigado a interromper e mudar o rhytmus musical e as cadencias não acabadas, ou a fazer longas as syllabas breves, tornando assim o portuguez, uma especie de frances aportuguezado. e isto por causa da disse-melhança dos versos quanto á sua accentuação; ou a fazer musica de igreja como a dos *Kyries*, *Glorias*, *Credos* e *Psalmos*, que, por serem estes em prosa, não tem vestigio algum de rhytmus poetico.

Veja tambem se suprime e substitue por outras terminações tantos ás e ôs, que tão amiudadamente acabam os seus versos, de maneira que tendo com elles começado a 1.^a scena, acabado a 2.^a, começado e entremeado a 3.^a, começou e inçou com ellas a 4.^a a tal ponto, que no principio della não ha destas menos de 18, sendo tão chegadas umas ás outras, que dir-se-ia, que no seu rítmario não ha quasi outros consoantes agudos senão os que rimam com *zangão*, *toleirão*, *mangação* e *indiscrição*.

Por ora só isto lhe lembramos, mais de espaço, e com mais vagar, alguma cousa mais lembrar podereis; o que, sempre faremos com todo o gosto, prazer e empenho, para que tão bella producção sua seja posta em bella e sonora musica, e applaudida pelo publico dilettante.

BELLEZAS RELIGIOSAS DE FESTEIROS CATHOLICOS.

Entre muita asneira,
Que se escreve e diz,
Do Janeiro á beira,
Neste bom paiz.

Uma, além de média,
Mais se assinalou,
Que gentil comedie
Lyrica encetou.

Lá se acha escripto :
Viva S. João,
Santo (oh vede o dito !)
Santo folgazão !

Quantos isto lerem,
Sendo bons christãos,
Hão de, oo se benzerem,
Pôr na testa os mäos.

Deve-se não ter,
Fé, religião,
Para se dizer :
Santo folgazão.

Oh ! que iniqüidade !
Folgazão um Santo !
Ahi quem erêl-o bade ?
Que se minta tanto.

Ora vede, ó gente,
Se foi São João,
Como ahi se mente,
Santo folgazão.

A Sagrada Historia
Diz-nos, que esse Santo,
Digno de memoria,
Festejado tanto,

Tal não era como
Pôr o quiz, na scena,
Em pequeno tomo
Uma esturdia penna.

Diz-nos, que elle andava,
Quasi descoberto,
E espéra passava
Vida no deserto:

Diz-nos, que pregava
Contra os folgazões,
E que jejuava
Entro privações:

Diz-nos, que a folganza
D'outrem lhe deu morte,
Que da alheia dança,
Veiu-lhe má sorte:

Diz-nos, que á luxuria,
Do seu proprio rei,
Increpou de injuria
Contra a santa lei:

Diz-nos, que o mui sério
Precursor de Christo,
Desse rei gauderio
Só sofreu por isto.

Hoje o Santo sofre,
Sem ser por mulheres,
Ao abrir-se o cofre
De horridos dizeres.

Estes a cabeça,
Cortam-lhe outra vez ;
Tratam-n'o como essa,
Que matar o fez.

Ora vede, ó gente,
Se o tal S. João,
Como ahi se mente,
Era folgazão !

Folgazões, gauderios,
Os patuscos são,
Que com impropios
Tratam S. João.

Estes, em seu nome,
Querem sim folgar,
Cobres e renome
Querem só ganhar.

Eile da bebida
Nunca foi amante,
Nunca em sua vida
Feito andou baillante.

De comer a gana,
Por maior que fosse,
Nunca provou canha,
Nem batata dece.

Nunca fez fogueiras,
Nem assou cará :
Estas brincadeiras
Nós fazemos cá.

Nós por cá folgamos,
Cheios de alegria,
E por cá brincamos
Quando vêm seu dia.

Mas cabeças ôcas
Ha, que a S. João,
Fazem, só por trocas,
Santo folgazão.

O que nós fazemos
Imputando a elle,
Nós mentir as vemos
C'uma graça reles,

E rasteiros versos,
Sem religião,
Offender perversos,
Christo e S. João.

Pôde o tal sujeito,
Pai de versos taes,
Como já tem feito,
Proscrever os *sues*.

Quem só taes maneiras
Tenha de escrever,
Sues em frigideiras
Deve só metter.

Pois qualquer leitor,
Vendo a versalhado,
Dir-lhe-ha: Senhor,
Antes a *fritada*.

AO ARTIGUISTA CORIACEO.

SONETOS.

O sujeito de quem estás zombando,
Incomodar-te-ha mais do que pensas,
Artiguista manhosso, que borrando,
Andas pobres papeis para as imprensas.

Vai descascar feijões, favas e guardos,
E paiois grangear pelas despensas,
Para, com *sues* e de ovos grandes bandos,
Fritadonas fazer altas, immenses.

Nisso melhor serás, que em fazer versos,
Como um, que fizeste tão comprido,
Que d'uma legua excede douz'bons terços!..

Todos esses com que tens respondido,
Desse torto não são muito diversos;
E outros fazeres mais, tempo é perdido.

Os pedacos de couro da Marmota,
São do grande Artiguista do *Diario*,
E, se delles vai rindo o salafrario,
De si mesmo escarnece e faz risota.

Embalde no papel ruim tinta bota,
Quem faz versos da Rua do Rosario,
E trata de grammatico antiquario
A quem erros grandissimos lhe nota.

Responda com razões, se as tem mui boas;
Contradiga do velho aos argumentos,
O moço altivo, e deixe-se de proas.

Pelo que escrevem mostram-se os talentos;
E quem nem sabe escavarac canoas,
Vá tamancos fazer, e os faça aos centos.

O ARTIGUISTA CORIACEO DO « DIARIO. »

O Artiguista deixou-se da prosa,
E taes versos metteu-se a fazer,
Que são docos como herva bobosa,
E não ha quem os possa entender.

Desconnoxos, confusos e tontos,
Por medida talvez de quartilho,
E na falla mudando de pontos
Suan todos de asneira em chorilho.
Delles um, é tão grande e comprido,
Que chegar poderia á Tijuca,
Em nenhum ha ligado sentido,
Nem o sal da cosinha do *Juca*.

O poeta de meia tigella,
Talvez fel-os dormindo e sonhando,
Ou, co'a ponta de alguma sovella,
Os andou sobre a sola riscando.

Em *grammaticos diffusos*,
Elle falla e em *antiquarios*,
Com uns termos mui confusos,
E inda em cima *estrafalarios*.

Tem razão o tal rabisea,
De zangar-se co'o latim:
Não entende a lingua prisca:
Para elle é fallar chim.

O sujeito é tão conciso,
Tão em tudo resumido,
Que o dirieis um Noreiso
Junto á fonte ora nascido.

Tal é delle a concisão,
Que só diz ou sim ou não;
Vos diz sim, se vós lhe *dais*;
Vos diz não, se lhe *negais*.

Eis abi porque tão breves,
As respostas delle são,
E tão fôfas e tão leves
Que nos ares lá se vão.

Gaz e vento tem bastante,
Sem ter solida materia;
Quem as lê, em um instante,
Diz: a cousa não é séria:

Quer na lingua, quer no estylo,
E' chalaça bem rasteira,
Assim falla, e diz aquillo
Quem está com bebedeira.

Elle ignora a dignidade,
Da palavra e da expressão;
Só conbece a hilaridade
D'um tal *Santo folgazão*.

Só com ella se regala,
Com *soldados* e com *freiras*;
E com quanto, ardendo, estala
Junto ás chamas da fogueira.

Dai a elle um dos roletes,
Ou carás bem assadinhos;
Tudo o mais vai pelo Lethes
Em folguedos e bons vinhos.

Nada mais de abi por diante,
O seu siso apôs governa:
Todo hilare e cantante,
E' poeta de taverna.

AO MESMO.

Não ha maior desgraça
Que estupido nascer,
E o bom que por bi passa,
Não conhecer, nem ver.

Sujeitos deste lote
Ha muitos; e na lista
Delles convém se bote
O cégo do *Artiguista*;

O qual, ao que parece,
Só le pelos dedinhos;
Pois se c'os olhos lésse
Faria outros versinhos.

Nem discorrendo como
Um animal de sella,
Faria rir a Momo,
Fallando em *Columella*.

ESTRÉA DRAMATICA.

Sob este título publicou a *Marmota*, de 3 do corrente, em pequeno, porém frisante artigo, noticiando a seus leitores, que o muito alto e ilustrado o Snr. Dr. José Martiniano de Alencar, redactor em chefe do *Diário do Rio de Janeiro*, havia produzido duas comedias, sublimes, inimitáveis, uma denominada *Rio de Janeiro, verso e reverso*, e outra *Demonio familiar*; e sobre a primeira o redactor daquelle periodico emitiu ligeiramente seu juizo de um modo claro para as intelligencias cultivadas, porém diffuso, e bem diffuso para os pobres de espirito, em cujo numero não está de certo o sapientissimo doutor; pois, como é voz publica, S. S. passa por ser o mais ilustrado dos jornalistas do orbe litterario. Digo que emitiu seu juizo ligeiramente, porque fez sentir em poucas palavras (no que foi bem temerario) que essa composição reunia em si tantos caracteres, e tão variados e inharmonicos, que, a não partir da pena inegualavel de tão sublimado dramaturgo, teria sido considerada impossivel, por não se poderem relacionar de maneira a constituir um todo bello, modelado pelos preceitos da arte dramatica de qualquer escola: digo tambem que foi claro, por no final do artigo declarar que « o autor quando fez o 1.º acto de sua comedia nunca tinha escripto para theatro; mas quando fez o 2.º, já tinha escripto o 1.º » e isto, posto em phrase corriqueira, quer dizer— quanto a nós, que o autor fez-se dramaturgo da noite para o dia, talvez por milagre de seu Santo folgazão.

O Snr. Dr. Alencar, reclinado preguiçosamente em sua macia poltrona, e saboreando um custoso havana, lançou por acaso uma vista d'olhos sobre a *Marmota*, e com sua habitual facilidade deixou cahir de seus delicados labios estas palavras, que foram daguerreotypadas instantaneamente em sua *Chronica diaria*.

« Na *Marmota* lõem-se algumas palavras que parecem escriptas á medo sobre a comedia que se representou no Gymnasio, intitulada *Rio de Janeiro, verso e reverso*. » De sorte, que na opinião do S. S. é escrever a medo, tocar de leve em quem se não quer tocar!

Balançando-se graciosamente o ilustrado doutor, falando ainda á infinitade de seus admiradores, assim continua: « Dizemos que essas palavras parecem escriptas á medo, porque acabando de lõel-as, não sabe o leitor se aquelle que as escreveu achou boa ou má a comedia. » E soltando uma *gargalhada*, deu no havana um chapão.

Meditando um pouco e dando largas a seu espirito conselheiro, ainda se dignou desprender de seus labios estas palavras, que os échos da rua dos païos repetiram por alguns instantes: « Não era isto o que cumpria fazer aquelles que podem julgar de uma composição; entendemos que mais vale emitir um juizo franco, que occultar o seu pensamento com torneio de phrases » (!!!)

Ao terminar estas palavras,

« Toda em si recolhendo a phantasia,
« Julgando amor e vida em si sómente,
« Cevou seu coração na sua imagem,
« Na idéa de seus mimos, de seus labios,
« Em aureas copias, as delícias d'alma. »

De repente, como ferido pelo raio, ergue-se e ao correr da penna, escreve estas memoraveis palavras: « O autor do *Rio de Janeiro* não teme a censura; se a temesse não apresentava ao publico a sua obra, e não criticava a dos outros pela imprensa, clara e abertamente como costuma fazer »; e alirou-se de novo em sua poltrona. Os zephyros colheram em suas azas este sublime rasgo de orgulho; porém os échos não puderam desta vez repetir as palavras, e se conservaram silenciosos; só a consciencia os pôde ouvir, e, pungindo-o dolorosamente, o obrigou a pôr-se sob a protecção daquelle, que talvez para dar-lhe lições de cavalheirismo desceu á linha dos folhetinistas e lhe dirigiu obsequiosa saudação. Assim mostrou o Snr. Dr. Alencar, que é bom advogado, pois soube appeler em tempo para um de seus melhores patronos.

Depois de alguma pausa, prosseguiu o ilustrado doutor, já em tom submisso, parecendo medir cautelosamente o sentido de suas palavras: « Quanto a não ter assignado sua comedia, é porque não julga que o seu nome obscuro exprimisse cousa alguma em um livro e porque não costuma fazer preceder o pouco que faz por annuncios e avisos prévios. » Disto deve concluir-se, que a assignatura do ilustrado doutor equivalo a grandes annuncios e a prévios avisos.

Houve um instante de silencio, findo o qual o dramaturgo

Curvando a fronte; a voz adelgaçando

deixou escapar esta desculpa, talvez para serenar de todo, a consciencia, ou para ensinar jesuiticamente os ignorantes: « O autor não assignou as outras (parece-nos ser comedias), como quem escreveu o artigo; assignou apenas a dedicatoria a S. M. a Imperatriz, porque um anonymo não podia dirigir-se á Magestade. » E ao exibir-lhe a phrase

Mil crystalinas bagas the corriam
Umas após outras pelas faces.

O Quid.

N. B.— As palavras grifadas contêm bellezas gramaticais que convém apreciar-se. Mais tarde serão analysadas.

OPERA LYRICA NACIONAL

A VOLTA DE COLUMELLA.

Muito e muito agradou ao nosso publico dilettante a opera — *VOLTA DE COLUMELLA* — que foi levada à scena em nossa lingua pela Academia de Ópera Lyrica Nacional, na noite do 23 do corrente, no Theatro do S-

Januario; e não só satisfez, como também excedeu bastante à expectação do mesmo público, o qual bem sabia que de cantores e actores, a maior parte novatos e por assim dizer estreantes na correira artística, não estava em direito de exigir muito, nem além de suas forças.

A opera agradou muito; 1.º, por ser bella e uma das melhores no seu gênero, em razão do assumpto, o do enredo, e pelo sentimental e pathético mais terno, polo ridículo no mais alto ponto, pelos ditos jocosos que nella abundam, e pela musica em que foi posta, cheia de melodias e de bellíssimos e suaves motivos; 2.º, porque, em relação ao pessoal dos actores, e cantores, foi executada admiravelmente, e como ninguém esperaria, attendendo a essa circunstância; 3.º, porque havia por assim dizer encarnação da letra da poesia na musica e desti naquella, e o acordo entre o rythmo musical, e o da metrificação poetica era tão perfeito, que nunca estes se achavam desencontrados, e assim o cantor podia facilmente pronunciar as palavras, que cantava, sem nunca ser obrigado a fazer longas as breves, e breves as longas, e a torcer e violentar os órgãos vocaes para expressar-se claramente: do que, resultava poder-se ouvir quasi tudo o que os cantores diziam (1). Tudo isto dependia da perfeita igualdade e semelhança da metrificação, e da accentuação dos versos da redução feita, com as do original. Esta é uma circunstância a que neste caso se deve muito attender, porque é dela que depende em grande parte o prestímo, e aplido de uma composição poetica feita para ser cantada. Ela, no caso actual, ficava inteiramente preenchida pela versificação do libreto, em tudo semelhante à do original, condição sine qua non para a execução perfeita.

Tendo a seu favor todos estes tres motivos, era impossivel que a opera deixasse de agradar, muito como agradou de facto.

Não trataremos por ora do modo por que as varias partes e trechos da opera foram desempenhados, reservando-nos a fazer isso em outro artigo: diremos sómente, que em geral ella foi bem desempenhada e que todos os actores e cantores, e os mestres e directores destes cada um da sua parte concorreram com seus esforços para a bon execução, que ella teve. Mais de espaço, tributaremos a cada um os elogios, que merece, e não deixaremos de os acompanhar sempre de advertencias e conselhos salutares dirigidos, não ao fito de nodoar ou minguar o seu merecimento, mas ao de augmental-o e fazel-o crescer e firmar-se, pelo progresso e aperfeiçoamento; pois que, assim como não desejamos offendere e desgostar a ninguém, não queremos também adulare e estragar com louvores exagerados ou mal cabidos a quem, prestando-se a úteis advertencias, pôde atingir a aquella perfeição, à qual jámais chegaria se a elles cerrasse os seus ouvidos.

A opera — VOLTA DE COLUMELLA — como bem disse o Jornal do Commerce, — em nada desmereceu na nossa lingua; e nós acrescentaremos: não perdeu muito do seu merecimento na execução scenica e musical pelos nossos actores e cantores, e faz conceber moi fundadas esperanças de um melhoramento futuro progressivo, que

possa atingir em breve á perfeição pelo estudo, zélo e cuidado, quer da parte dellos, quer da de seus mestres e directores, aos quaes em grande parte tambem se deve o bello e feliz exito da opera, e aos quaes tambem, como aos artistas, deve-se encorajar com os louvores, quo justamente são por elles merecidos.

O SNR. FRANCISCO JOSÉ PINHEIRO GUIMARÃES

Ainda não ha muito lamentavamo o passamento do Dr. Paula Menezes, e já hoje tomamos a pena para pagar um derradeiro tributo ao Dr. Guimarães. Ambos pertenciam ao pequeno rancho dos nossos litteratos: são perdas por muito tempo sensiveis.

Nascido no Rio de Janeiro, tendo em menino ido á Inglaterra, não tanto para educar-se, como para pedir á scienzia o curativo de uma gravissima enfermidade, que ameaçava a sua existencia: o Snr. Pinheiro Guimarães de lá voltou para formar-se na Academia de S. Paulo, sendo dos primeiros estudantes, que se matricularam no anno mesmo da instalação desse curso.

Formado, o Snr. Pinheiro não quis seguir a carreira da magistratura, nem mesmo á da advocacia se dedicou com esmero: litterato cheio de imaginação, e de bom gosto, o jovem bacharel tinha aversão á chicanha, e de posse de uma fortuna sufficiente para seus desejos, consagrava o seu tempo ao culto das bellas lettras. Os partidos o sollicitaram como um dos seus mais prestimosos athletas; seu espírito epigrammatico era-lhe um util instrumento nos dias das lutas rancorosas da minoridade, e dos primeiros tempos da maioridade. Dos serviços, que então prestou, só em galardão obteve os votos populares em algumas eleições de juizes de paz e de eleitor! Por fim retirou-se da politica, e comprehendeu, que para seu talento havia missão mais alta e mais nobre do que expandir-se nas ironias e sorenismos, que só lhe acarretavam, a par de amigos ingratos, inimigos raramente esquecidos.

Então, senhor, como poucos, dos segredos da litteratura inglesa, traduziu elle algumas dessas composições que fizeram de lord Byron o chefe da escola moderna. Descrente pessoa da gloria, nunca deu ao prêlo as suas traduções, só as mostrava a alguns amigos, e a quem elle supunha dotado de verdadeiro gosto. Hoje é provável que seus filhos não roubem ás letras patrias e á memoria de seu pai essas composições.

Nesses ultimos tempos o Dr. Pinheiro Guimarães tendo conseguido a nomeação de oficial da secretaria de estrangeiros, procurava viver em obscuro socego. Poucos temos conhecido de trato mais ameno, de conversação mais espirituosa, de coração menos capaz de fazer mal. Se alguém se pôde queixar de alguma feita pelo epígramma do escritor, ninguem se pôde queixar do mal que lhe fizesse o homem; pelo contrario, verdadeiro philanthropo, abraçava elle todas as idéas humanitarias da liberdade para com as massas, como manifestava toda a expansão da affável cordialidade para com os individuos. São esses os titulos, que, juntos á recordação do genio poetico desse nosso patrício, recommendam o seu nome entre os dos Brasileiros distintos.

ADRIANA LECOUVREUR.

E' esse o titolo de uma linda peça, composta por Scribe para fazer sobressair todo o talento da insigne Rachel. Acaba ella de ser representada no Gymnasio: traduziu-a a Snra. Velluti, em cujo beneficio foi levada á cena pel segundo vez.

(1) Na applicação da letra á musica do spartito não se sacrificou a ella uma só nota; e mesmo depois de feito o libreto em lingua nacional, o autor deste prestou-se a fazer varias alterações e substituições para que a musica e o cantor não ficasssem sacrificados. Isto o publico o poderá ver confrontando alguns trechos do libreto com o que dizem os cantores; tal foi o esmero que houve nisto, quer da parte do maestro, quer da do reductor do libreto! Este, os mestres e os cantores provaram pelo facto, que a nossa lingua se presta optimamente para o canto, quasi perfeitamente como a italiana.

Sem querer apresentar um juizo critico ácerca dessa comedia-drama, em que Scribe deu mais uma prova de superioridade com que entrelem o enredo de uma composição dramatica e captiva o espectador, ainda com o assumpto, quo menos proprio pareceria para despertar o seu interesse; não podemos deixar de dirigir algumas palavras do justo elogio á artista que, não contente com esmerar-se por agradar ao publico no palco, consagra o seu talento de tradutora a enriquecer a scena em que representa.

Adriana Lecouvreur, o Marechal de Saxe, o príncipe de Bouillon, sua adultera esposa, são personagens conhecidas em França, bem como é conhecida essa época de libertinagem, em que, no camariim das fidalgas, floreciam *abbades* namorados, papagueando anécdotas, mais ou menos adubadas de *columnia*, e tressalando pivetes: para ser comprehendida e applaudida pelo publico do Theatro Francez, tinha pois a comedia de Scribe titulos que aqui lhe faltavam: aqui só podia ser sustentada pela delicadeza do dialogo, e pela vivacidade dos lances em que se acham colateradas as personagens. Com efeito, tanto nella superabunda esse merecimento, que, escollendo-a para traduzil-a, a Sra. Velluti deu prova de supremo gosto litterario, como a deu de artista intelligente, e no modo porque a representou. Sem ser Rachel, a Sra. Velluti soube tão habilmente interpretar mu-scena, quão habilmente traduzir no gabinete, o papel da Adriana Lecouvreur.

AS LETRAS NO BRASIL.

Ainda não ha muito, que um dos nossos litteratos, escrevendo sobre — as letras no Brasil, — disse:

« A nossa terra é por certo pouco litteraria; nisso não somos senão o malfadado écho de uma convicção que todos tem, e que muitos tem manifestado.

« O genio de Homero, multiplicado pelo de Virgilio, se apparecesse entre nós, e compozesse sobre alguma grande tradição da patria um poema mais sublime do que a Iliada, teria o desprazer de ficar com elle inédito, ou, se o imprimisse, de gostar para ter essa honra, o seu dinheiro, e de andar-se humilhando perante fastidiosos compradores para lhe aceitarem algum exemplar, para assignarem alguma subscrição.

« Isto posto, não sejamos injustos para com a nossa patria; não é aqui sómente que o escriptor litterario se vê desdenhado, abandonado: — othemos para a Europa, para essa França, que nos parece ser, a nós, que de longe para ella volvemos olhos pasmos pela admiração, e que nos parece ser, o paraíso das letres, e havemos de ver, que, fôr um o outro, Dumas ou E. Sue, Scribe ou Lamartine, a condição do litterato é das mais infelizes; optimas composições à custa acham impressores; o litterato tem de solicitar o favor de um livreiro-editor, quasi quo com instância igual á do pretendente, que solicita o favor ministerial. E depois da achado o livreiro: — quantos tem o dissabor de nem para os exemplares que mandam de presente aos amigos acharem leitores?..

« E' sabido que nessa abençoada França, como ha mais medicos do que enservos; mais advogados do que demandas, ha também mais escriptores do que leitores.

« Concluamos, pois, e nisso teremos mais razão, do que em accusar a nossa patria, que — o século não é litterato — Se alguns ha que tem livrarias, tem-as como uma mobilia de sala, como um dos mil *nadas* necessarios ao

luxo e á ostentação; arrumem-se nessas estantes livros virgens on tócos de pão symetricamente arranjados, a causa é a mesma, a utilidade igna!.

« Mas seria diverso em outras épocas? devemos attribuir-o em culpa aos dias de industrialismo em que vivemos? Está nos parecendo que não: sem nos ocuparmos com Camões, morrendo á fome, enquanto seu escravo esmolava para lhe levar um pão ao catre em que jazia; sem nos ocoñparmos com Bocage, consumindo em mendigadeiras glórias o mais fecundo, víçoso e harmônioso dos talentos poeticos de que se honra a língua portugueza; já na antiguidade lembremo-nos que os nove irmãs, filhas de Mnemosyne, conservaram-se inquintas, eternamente donzellas, sem duvida por não terem dote.

« O gosto litterario, o prazer da leitura foi sempre privilégio exclusivo de um círculo mais ou menos limitado de homens, de sensibilidade e de imaginação especial.

« Os que tem este gosto, os que podem ter este prazer gozem entre si, e não se irritem contra os que o não tem, antes delles se compadeçam: não se lamentem; usan-se.

« Entretanto reconheçamos que não estão as letras assim tão completamente desamparadas, desestimadas, como se quer assfigurar. Associações literarias se organizam, brilham elas e extinguem-se como pyrilampoms; mas se umas succumbem, outras se levantam, e pondo em contacto os cultores das letras, animam os seus esforços, galardoam-os com a reciproca estimula-

« Consolemo-nos pois, nós homens de letras, consolemo-nos, e... esperemos. Cultivemos as letras, como elles querem ser cultivadas, não como officio, porém como prazer d' alma, que busca expandir-se. Cultivemos as letras, não em vista do presente (que importa o presente a quem o pôde durar com as galas da imaginação?); mas em vista do futuro: não nos darão elles os commodos e regalos da vida material, dar-nos-hão muito mais — dar-nos-hão a immortalidade. » (Ext.)

IMPRESSÕES DE LEITURA

A NEBULOSA.

I.

No estado dubio, em que caminha a nossa litteratura, na falta de uma expressão conveniente, que a caracterise, bem difícil se torna á nossa pena o manifestar as impressões sobre a — NEBULOSA.

Não é rigorista este nosso principio: de há muito, conhecemos o seu acanhamento, e a falta de vitalidade, que se manifesta em todas as nossas produções!

Houve talvez uma época de transição favoravel, ou por outra, uma reacção agradável sobre os preconceitos da escola antiga. Houve um germén, que se poderia desenvolver debaixo das influencias propicias; mas que esterilizou-se diante de um exclusivismo pernicioso.

A escola classica e a escola romântica chegaram uma á sua linha estacionaria, outra ao seu ponto de partida. Então uma nova época se autolhava cheia de benefícios influencias! Era o cynismo; mas o cynismo aspirando ás concepções livres do espírito; era a estética comple-

hondida em suas aspirações ao infinito. Ahi apareceu o Sr. Gonsalves Dias!

Essa phase passou rapida como o meteoro. Diante do novo modelo muitos espiritos acanhados ou retrogrados conservaram-se indiferentes!

Duas cousas porém concorrem para cubirmos nesse exclusivismo, que bem a propósito censuramos.

O abandono da lingua nacional; a fusão de muitas literaturas na literatura brasileira. E como não ser assim? Um povo que fala a lingua, que desconhece; um povo, que pensa pela cabeça de outros povos deve dar em sua expressão — que é a literatura — a frieza do pensamento, o acanhamento da imaginação, o transtorno do sentimento!... « Lá où il n'y a pas de mot, la pensée meurt, « au naître embarrassée et confuse dans ses langues, diz Lamartine. »

Rabelais, Aristophanes, Montaigne, Annyot, Ponsard modificando por diversas fórmulas a lingua, formaram elementos, com que a literatura francesa hoje se usana!

Não é porém sómente da poesia, que podemos esperar a regeneração completa. Um bom orador sagrado, ou um jurisconsulto, assim como poeta, podem formar a lingua de um século; Bossuet com o seu estylo prophético, M.^{me} de Sevigné com a delicadeza de seu sentimento, entregaram à França a lingua, que se tinha perdido na imitação servil dos modelos Gregos e Romanos! Molière é original, porque pintou os costumes de uma sociedade em sua nudez, cerrando ouvidos a Terencio, Menandro e Plauto.

Spenser e Shakespeare formaram uma nova lingua, criaram uma nova escola! Assim facil é notarmos o influxo, que tem Victor Hugo, Lamartine, Byron, Dante, Shakespeare, Martinez de la Rose, Bocage e muitos outros na nossa literatura.

Ha mesmo quem prefira fazer uma imitação tosca destes autores, do que deixar-se guiar pela força do seu sentimento, pelas bellezas de sua imaginação, pela expressão de nossa lingua, e cis porque vêmos na nossa literatura um composto de phrases ás vezes obscurecendo a idéa, que se pretende enunciar. Eis porque a nossa poesia tem cabido nesse marasmo, nessa rapsodia reprehensível, onde se transtornam ambas as escolas, onde o pensamento parece querer erguer-se ás regiões do infinito, e entretanto desce envolto nos andrajos mesquinhos da linguagem; onde a idéa sagrada, exprime-se pela linguagem e comparação profana!

A literatura brasileira no século 18.^o podia desprender-se da influencia dos autores portuguezes e franceses; mas expirou nos ultimos cantos do Uruguay. Já tínhamos atravessado na época primitiva o seu cynismo, tínhamos mesmo querido alcançar a época pensadora e narrativa, ensaiavamos a epopéa.

Ensaios apareceram, e aparecem periodicamente para manifestar-nos, que o Brasil é secundo, que os genios existem; mas que esses modelos desaparecem; porque ama-se e estuda-se a literatura estrangeira. A harpa gemedora, o cantic de Tupi, a balata de Tibyriça e outros, inspirações do Sr. Cardozo de Menezes, são revelações de um genio eminentemente poetico e nacional. As inspirações do Claustro é um livro primoroso da nossa literatura. Alvares de Azevedo, o Byron americano, no dizer do Sr. Calazans, não deixou de apurar pelo seu grande sentimento a nossa lingua!

Entretanto estes e outros modelos dormem nas estantes, e são lidas — au délasser — da tarde, não como estudo: mas como recreio?

II.

Não foi intempestivamente, que nos dormirmos em considerações, quando era nosso sum principal falar da —NEBULOSA.

Mais tarde faremos applicação dellas ao nosso assunto, o veremos pela extracção, que fizemos de suas bellezas, que as letras patrias, com obras tais, pôdem sahir dessa morosidade em que caminham.

Bem agradaveis reminiscencias tinhamos da historia litteraria da India, onde filhos de suas tradições mysticas, debaixo de suas fórmulas gothicás, nasceram o — Ramayana — e o Mahabharata, respirando aqui, acolá essa serenidade da innocencia primitiva, essa ternura dos primeiros bardos tirando de suas lyras ao espectáculo sedutor da natureza, desferindo seus cantos envolvidos em suas lendas.

Era como um hymenco desses hymnos, desses gritos d'alma dos tempos de Lino e Orphéo!

A vida do coração e da imaginação, o sentimento em seu nacer íntimo é a poesia desse povo.

A sua literatura é grande e divina, diz Lamartine: respira-se nella um não sei que de santo, de terno e triste.

Pois bem, essas reminiscencias dormiam; hoje elles se agrupam, e invocam uma expressão.

Não nos enganamos; — a NEBULOSA operou esse phenomeno psycho-litterario!

Da Imaginação e do coração nasceu o poema-romance do Sr. Dr. Macedo. O poeta não contemplou o quadro da humanaidade positivo e real; mas achou na vida do coração o seu assumpto.

Nesse crear mysterio, ha talvez uma superioridade: — é que é mister mais sensibilidade, mais vida, mais bellezas!...

As primeiras paginas da —NEBULOSA— lembram aquella tradição india do — Seta.

O mancebo Trovador — Nala — sentado no bosque sombrio carpindo as saudades de Damayanti.

A seis cantos sugeitou o seu assumpto. Não podemos designar a acção local do poema; ha mais de ethereo, de celeste, do que de terreno.

O poeta foi feliz na unidade, e nos caracteres, que dão ás suas personagens.

As suas descrições são cheias de bellezas, e animação poetica, suas comparações tem immensa naturalidade.

No primeiro canto, quando o Trovador medita, lemos a brilhante apostrophe:

« O' natureza! minha dôr insultas!
« Na tua placidez leio um sarcasmo;
« Abomino-to assim, amo-te horrivel.
« Que quer dizer um mar, que não rebrame,
« Uma terra que nada em luz d'encantos,
« Um céo que tormentoso não ribomba,
« Quando no coração temos o inferno? »

Ainda no primeiro canto sobresaí aquele episodio animado — o Trovador e a Douda. Depois de ter ouvido os sons da lyra,

(Continua.)

LÉMBRANÇAS DE JOSÉ ANTONIO.

Publicou-se este interessante volume de prosa e engracadas poesias, de que devem gostar os apreciadores: vende-se na loja desta officina, praça da constituição n. 64.

OSCAR D'ALVA

POEMA DE LORD BYRON (1)

TRADUZIDO DO ORIGINAL INGLEZ, VERSO POR VERSO,

E OFFERECIDO

AO ILLM. SNR. DR. ANTONIO FELIX MARTINS

PELO SEU AMIGO

JOAÙ CARDOSO DE MENEZES E SOUSA.

Brilha no azul do céo da noite o cirio
Sobre a praia de Lora; as torres d'Alva
Ameias cõr de cinza ás nuvens erguem;
Não mais co'as armas trôa ermo o castello.

Quantas vezes a lua branqueára
Argenteos elmos dos guerreiros d'Alva,
Quando da noite na mudez marchavam
Forrados de armaduras rutilantes!

Quantas, sobre estas rochas cõr de sangue,
Que da vaga o furor altivas quebram,
Entre os esparsos esquadrões da morte
Vie por terra o guerreiro moribundo!

Seus olhos, que não mais se fitariam
Do rei da luz no limbo fulgurante,
Fracos volvendo do sangrento plaino,
Da lua os raios baços procuravam.

Ella lhes fôra lampada de amores,
Cujo clarão outr'ora abençoaram;
Hoje semelha um funebre tocheiro,
Suspêndido na abobada céleste.

É finda a raça dos senhores d'Alva;
Seu cinzento solar campéa ao longe;
Mas já nos bosques seus heróes não caçam,
Nem no sangrento mar da guerra ondâam.

Mas quem foi desse *clan* o derradeiro?
Porque reveste o musgo as pedras d'Alva?
Guerreiro andar não mais lhe acorda o écho,
Que só responde ao sibilar dos ventos.

Quando forte rajada agita os ares
Subito corre as solidões do espaço,
Surdo rumor, que enfia os corredores,
E rebôa nos muros esbroados.

Sim, inda oscilla ao sopro da tormenta
A rodella de Oscar; mas nestes sitios
Não mais do heróe desprega-se a bandeira,
Nem mais ondâa seu pennacho negro.

Ditoso fora o dia em que nascera
Oscar, o primogenito do conde;
Correram ao solar os seus vassallos
A partilhar o jubilo do chefe.

Verga a mesa co'a caça montezina;
Alça o *pibroch* as notas penetrantes; (2)
Para maior prazer dos montanhezes
Guerreira marcha lhes desperta os brios.

E os que ouviam as notas do instrumento
Esperavam que o canto guerreiro,
Ante o filho do heróe soasse um dia,
Quando guiasse o *clan* da lide ao campo.

(1) A catastrophe deste romance foi sugerida pela Historia de « Jeronymo e Lourenço » no 1.^o vol. do « Armenio, ou Fantasma Propheta de Schiller. » Tambem tem alguma semelhança com uma scena do 3.^o acto de « Macbeth. »

(2) Lord Byron cahe no erro commun de confundir *pibroch*, que é uma especie particular de tom; com o instrumento de que elle é extraído—a gaita de fole.—O celebre Charles Nodier é dos que cometem a mesma inexactidão.

Inda não era deslizado um anno
E Angus era pae de um novo filho;
Alegre foi do nascimento o dia,
De splendidos festins solemnisado.

Angus ao arco adestra as mãos dos filhos;
Já caçam gamos nas collinas d'Alva;
Oscar e Allan na rapida carreira
Deixavam muito apôs velozes galgos.

Antes de terminar da infancia a quadra,
Já se inscrevem na lista dos guerreiros;
Já sabem destros manejar a lança,
Vibrar de longe o sibilante dardo.

Negra a coma de Oscar fluctua ao vento;
Louras madeixas em anneis esparsos
De Allan sobre as espaduas debruçavam-se;
Mas tinha triste e pallido o semblante.

Alma de heróes a Oscar o céo doára;
No olhar franqueza só, verdade exprime;
Mas Allan disfarçava os sentimentos
Sob o véu de palavras lisongeiras.

Dos dous valentes moços nos escudos
Tinham muitos Saxões quebrado os lanças;
Porem se Oscar desconhecia o medo,
Do amor sentia as emoções mais doces.

Allan no genio desmentia as graças
De seu corpo adaptado a um'alma nobre;
Como o sinistro lampejar do raio
Sua mortal vingança desabava.

Lá das remotas torres de Southánon
Viera joven castellãa formosa;
As terras de Keneth serão seu dote:
Era a d'olhos azues donosa Mora.

Aspira Oscar a dar-lhe a mão de esposo,
Angus aprova as pretengões do filho:
A alliance da filha de Glennálvon
Do conde lisonjéa o nobre orgulho.

Ouço as suaves notas do *pibroch*!
Rompem os hymnos nupciaes das harpast
Resòa o ar com canticos alegres
Que os échos encantados repercutem.

Ornada a fronte de pennachos rubros,
Cingindo aos hombros *plaids* (3) multicôres,
Enchem heróes as galerias d'Alva,
A's vozes de seus chefes acudindo.

Mas a guerra não é que agora os chama;
Sómente hymnos de paz a trompa exhala;
Para solemnizar de Oscar as nupcias
Enche os vastos salões rumor festivo.

Mas onde existe Oscar? Não é já tarde?
Mostra um novo tão pouca impaciencia?
Já nos salões apinharam-se os convivas,
E Oscar e seu irmão não aparecem.

(3) Mantos escoceses.

Subito assoma Allan da noiva ao lado;
« Veio comigo Oscar? » Pergunta o conde.
« Julguei que aqui estivesse » Allan responde;
Não me encontrei com elle na floresta.

Talvez, das bodas esquecendo o dia,
A perseguir o gamo transviou-se;
Talvez vagas do mar retem seu barco,
Que é raro não triunphe do marulho. »

« Oh, não » repete o conde desolado,
« Ondas ou caça não retêm meu filho;
Para voar aos braços da esposada
Nada podia embaraçar seus passos.

« Caros guerreiros, procurai-o em torno!
Com elles, corre, Allan, d'Alva os dominios;
Parti, não quero que me deis resposta
Em quanto o meu Oscar não for achado. »

Impera a confusão—selvagens vozes
De Oscar o nome pelos valles bradam,
Os ventos o murmuram, té que a noite
Sombrias azas sobre a terra estende;

Quebra a mudez da noite o mesmo nome,
E os échos são de balde interrogados;
Da manhã o crepusculo desponta,
E ao paterno castello Oscar não volta.

Dias e noites tres repelle o sonno,
O senhor d'Alva, procurando o filho
Pelas montanhas—a esperança esvae-se,
Abandona-se á dôr, e as cans arranca.

« Oscar, meu filho!—O' Deos me restitue
O arrimo de meus annos decadentes!
Mas se devo perder toda a esperança,
Ao meu furor entregá o seu verdugo.

« Talvez de Oscar os ossos insepultos
Em erma praia pedregosa alvejem:
A seu pai desditoso o Deos concede
Ir dos mortos na estancia a Oscar juntar-se.

« Mas talvez que meu filho inda respire—
Tregoas á dôr, silencio & voz blasphema,
Que por meus impíos labios accusava
A tua providencia, o Deos Eterno !

« Mas se Oscar foi riscado d'entre os vivos,
Inglorio desço á campa; esvaeceu-se
Dos velhos dias d'Angus a esperança;
Quaes meus crimes, o Deos, p'ra um tal castigo? »

Este pae desgraçado assim carpia,
Té que o tempo, que ameiga a dôr mais agra,
Serenou sua fronte ennuiviada,
E dos olhos seccou-lhe o pranto amargo.

Que inda veria Oscar apparecer-lhe
Uma esperança occulta lh'o dizia;
Um anno inteiro consumido em pranto
Nutrio e repellio essa esperança,

Tombam dias de tempo na ampulheta;
Segunda vez o sol fechava o anno;
Oscar não vem gozar do olhar paterno,
E a dôr do conde se adormece e cala.

A só consolação deixada ao velho
Allan, tocára o coração do Mora;
Ardente amor no peito lhe acendera
O lindo moço de madeixas louras.

Finou-se ha muito Oscar (pensava a bella),
Nada de Allan iguala a formosura;
Se Oscar é vivo, ás graças d'outra virgem
O infiel coração já tem rendido.

Deixemos, Angus diz, volver-se um anno;
Se forem vãas as esperanças minhas,
Surdo então aos escrupulos paternos,
Eu marcarei o dia do consorcio.

Tardo deslisa o tempo; alsim desponta
O dia da união dos dous amantes;
Finalisou-se o anno dos receios;
Sorriso de prazer seus labios roça.

Ouço as suaves notas do *pibroch*!
Rompem os hymnos nupciaes das harpas;
Resôa o ar com canticos alegres,
Que os échos encantados repercutem.

Segunda vez o *clan* trajando gallas,
Apinha-se nas salas do castello;
Todo o prazer de outr'ora recobrando,
Solta de novo aclamações festivas.

Mas quem é este cujo negro aspecto
Co'a alegria geral feroz contrasta?
Ante o fulgor sinistro de seus olhos
Condensam-se no lar ceruleas chammas.

Dobras de um negro véo seu corpo envolvem:
Tem cõr de sangue a pluma, e a voz semelha
O primeiro rugido da tormenta:
Apenas roça o chão c'os pés sem rastro.

E' meia noite; a taça gyra a mesa,
As saudes ao noivo se amiudam;
Réstruge nas abobadas da sala
Côro de *hourrahs* em honra da esposada.

De subito o estrangeiro se levanta;
Reina logo o silencio; o rosto d'Angus
Sorpreza exprime, e o coração de Mora
Amedrontado de pavor se gela.

« Velho, diz o estrangeiro, é feito o brinde;
Eu mesmo satisfiz dever tão grato:
Dei os *hourrahs* em honra de teu filho:
Por minha vez reclamo um brinde agora,

Quando ao jubilo aqui se entregam todos,
De Allan a fausta sorte celebrando,
Onde se esconde teu primeiro filho?
Porque do bravo Oscar se olvida o nome?»

« Ai! » lhe responde o pae desventurado,
E uma lagrima então lhe orvalha os cílios,
« Quando Oscar se sumio deste castello,
Meu coração de angustia espedaçou-se.

« Tres gyros fez o sol d'em torno á terra
Desde que o bravo Oscar nos ha deixado;
É Allan minha unica esperança
Depois que Oscar é morto, ou vaga ausente. »

« Bem, » replica o feroz desconhecido,
Volvendo em torno os olhos lampejantes,
« O destino de Oscar saber quizera;
Talvez inda este heróe alente a vida.

« Talvez voltasse Oscar, se alguém que outr'ora
Muito elle amou, seu nome proferisse;
Talvez perdido vague este guerreiro,
E inda veja brilhar de Maio as chammas. (4)

« Todos de em torno á mesa as taças enchem;
Ninguem aqui se escusará do brinde;
Quando o vinho espumar á flor dos copos,
A Oscar ausente os vivas se endereçem. »

« Sim, com todo o prazer, » exclama o velho,
Enchendo a trasbordar de vinho a taça;
« De meu filho á saude! ou morto ou vivo,
Outro não poderá suprir-lhe a falta. »

« Muito bem, ancião, teu brinde é feito:
Mas porque trembe Allan co'a taça em punho?
Eia, do morto irmão bebe á memoria,
Com mais segura mão sustenta o copo. »

O rubor que de Allan tingia as faces
Em pallidez medonha converteu-se,
Gelidas bagas de um suor de morte
Pelo seu corpo inteiro se deslisam.

Ergue tres vezes o espumante copo,
E outras tantas dos labios o repelle;
Tres vezes vio os olhos do estrangeiro
Em colera mortal nos seus cravados.

« Assim se acolhem no castello d'Alva
D'um adorado irmão lembranças ternas?
Quem tão profundas affeições revella:
Ante o perigo tremerá de medo! »

Picado do desdém levanta o copo:
« Pudesse Oscar ter parte em nossas festas! »
Disse, e tomado de terror secreto,
Deixa a taça cahir das mãos trementes

« E' do meu assassino a voz que escuto! »
(Ulula um negro e flammejante espetro)
« Voz de meu assassino! » a sala echão,
E um furacão ribomba no castello.

(4) Bertane Tree, festa montanheza celebrada no 1.^º de Maio, em que se costuma accender foguerias. (*Béaltain* significa fogo de Baal, e este nome recorda a origem primitiva desta superstição céltica).

O clarão dos brandões empallidece;
Tremem guerreiros, some-se o estrangeiro;
Vê-se um fantasma envolto em manto verde,
Que em fórmas collossaes medonho cresce.

Pende a seu boldrié tremenda espada,
Negro pennacho ondela-lhe no elmo;
Sangra em seu peito nua profunda chaga;
Tem a pupilla immovel e vidrada.

Solta tres vezes um sorriso horrendo,
E curva o seu joelho ás plantas d'Angus;
E carrega o sobr'olho, contemplando
Allan, que jaz em terra e horror infunde.

Das portas do castello os gonzos rangem;
Trôa o trovão na abobada celeste;
E entre nuvens ao ar sobe o fantasma
N'um veloz torvelinho arrebatado.

Deixam a mesa, a festa se interrompe.
Quem são estes que jazem no lagedo?
D'Angus ao coração paralysado
Todos se esforçam por chamar a vida.

« Correi, vinde de Allan depressa aos olhos
A luz restituir » baldado é tudo;
Seus dias sobre a terra estão contados,
Nunca mais se ha de erguer do chão da morte!

O cadaver de Oscar jazera exposto
De Glentanár no valle tenebroso;
Agitára-lhe o vento a negra coma;
Ficára-lhe no peito o dardo agudo.

Donde veio o terrivel estrangeiro?
Quem é? Nenhum mortal dizê-lo pôde.
Mas os vassallos d'Alva conhecêram
O bravo Oscar no espectro coruscante.

Cega ambição de Allan armara a dextra;
Azas à setta deram-lhe os demonios;
A inveja o esclarecerá com seu facho,
E em seu peito vertéra atroz veneno:

De Allan a setta rapida voára;
Vira correr seu sangue Oscar valente;
Pende-lhe em terra a fronte enlanguecida;
Sente em torno gyrar da morte as sombras.

Mora de Allan o peito captivára,
Vencera o joven de isenção soberba;
Ai! lindos olhos, que brilhais de amores,
Porque n'alma inspirais tão negros crimes?

Vêdes aquella campa solitaria,
Que á luz crepuscular mal se lobriga?
D'um extinto guerreiro encerra as cinzas,
E foi de Allan o thalamo de nupcias.

Guardando os restos da familia d'Alva
Longe—bem longe—um mausoleo se eleva;
Não tremula o pendão de Allan no tumulo,
Não! que o manchára do fraterno sangue.

Que bardo ou menestrel de cans nevadas
De Allan os feitos cantará na lyra?
São d'harpa os cantos os laureis da gloria;
Mas quem cantar ousára um fratricido?

D'harpa, que pende esbambeada e muda,
Não ha de o bardo despertar os échos;
Não—que o remorso a mão lhe entorpecéra,
E as cordas n'um gemido estalariam.

Nenhuma lyra ou cantico de gloria
Seu nome soará;—no seu sepulcro
Echôa a maldição de um pai que expira,
E os accentos mortaes do irmão nas vascas.